

RUA CONDE D'EU

Decreto nº 4229 de 05-04-1973, Artigo 1º, Inciso I

Formada pela rua sem denominação da Vila Lemos
Início na avenida Princesa D'Oeste
Término na avenida Princesa D'Oeste
Vila Lemos

Obs.: Do decreto assinado pelo Prefeito Lauro Péricles Gonçalves, consta: "Conde D'Eu - Herói Nacional(1842-1922)".
Protocolado nº 14.686/71.

CONDE D'EU

Louis Philippe Ferdinand Gaston d'Orleans, o Conde D'Eu, nasceu na cidade de Eu, Neuilly-sur-Seine, França, em 28-abril-1842 e faleceu em meio à viagem ao Brasil, à bordo do "Massilia", em 28-agosto-1922. Em 1848, o seu avô Luís Filipe, Rei da França, é deposto do trono francês, e toda a família real se refugia em Claremont, na Inglaterra. O Conde D'Eu é enviado à Espanha, onde forma-se na Academia Militar de Segóvia e se destaca na luta contra os mouros no Marrocos, onde ganha, por seu talento guerreiro, o posto de capitão e a medalha da Ordem de S. Francisco. De volta à Inglaterra, recebe uma proposta de vir ao Brasil, conhecer e, talvez casar, com uma princesa. O Conde, com 26 anos, aceitou a proposta, juntamente com seu primo, o Duque de Saxe, chegando ao Brasil a 27-agosto-1864, ficando impressionados com o ambiente tropical do Rio de Janeiro. Em um mês resolvidas as formalidades, verificou-se o casamento do Conde D'Eu e a Princesa Isabel em 15-outubro-1864. Após a lua-de-mel em Petrópolis e uma viagem à Europa, o Conde D'Eu que ao se casar recebera a patente de Marechal do Exército, vai ao Sul, ao encontro de D. Pedro II, que ali fôra verificar manobras da Guerra do Paraguai. D. Pedro entrega ao genro o comando geral da Artilharia e a presidência da comissão de melhoramentos do Exército, cargos burocráticos no Rio. Porém, em janeiro de 1869, com o regresso de Caxias, comandante das tropas brasileiras no Paraguai, por doença, D. Pedro nomeia o Conde D'Eu para substituí-lo. A 14 de abril, o jovem Conde chega aos campos de batalha. Vence as batalhas de Peribeubí e Campo Grande. Com a morte do líder paraguaio Solano Lopes, às margens do Aquidabã, em 01-março-1870, o Conde D'Eu derrota os paraguaios e retorna ao Rio, onde é recebido com grandes festas. Com a proclamação da República, o Conde é banido do Brasil, daqui saindo a 17-novembro-1889. Em 1920, retorna ao Brasil, trazendo os restos mortais de D. Pedro II. Na segunda vez, dois anos depois, quando vinha para o Brasil, para assistir os festejos do centenário da Independência do país, morreu a bordo do navio "Massilia".

RUA CONDE D'EU

DECRETO N.º 4229, DE 5 DE ABRIL DE 1973.
Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito Municipal de Campinas, usando das atribuições que lhe conferem o item XLIX, do artigo 39, do Decreto-Lei Complementar n.º 9, de 31 de dezembro de 1.969,

D E C R E T A:

Artigo 1.º — Ficam denominadas:

I — "CONDE D'EU" — HERÓI NACIONAL (1842-1922), a rua sem denominação da Vila Lemos, que tem início na Avenida Princesa D'Oeste e término na mesma avenida.

II — "AVENIDA MONTE CASTELO" — a rua formada pela Perimetral Interna no trecho que esta Perimetral pertence ao Jardim Paulistano, Jardim Primavera, Vila Marta e parte do Jardim Proença, com início no leito da Companhia Paulista de Estradas de Ferro e término na antiga Rua 2 do Jardim Proença.

III — "AVENIDA DOS ESPORTES", a rua formada pela antiga Rua 2 do Jardim Proença, com início na Rua Proença e término na Avenida Princesa D'Oeste.

IV — "AVENIDA IMPERATRIZ DONA TERESA CRISTINA" — TERCEIRA IMPERATRIZ DO BRASIL (1822-1889) — a rua formada pela Perimetral Interna na Vila Lemos e em parte do Jardim Guarani e pela Avenida 3 do Jardim Guarani e Avenida 2 do Jardim Parapanema, com início na rua sem denominação da Vila Lemos e término na Avenida Dr. Manoel Afonso Ferreira.

V — "AVENIDA IMPERATRIZ DONA AMÉLIA" — SEGUNDA IMPERATRIZ DO BRASIL (1812-1873) a rua formada pela Perimetral Interna em parte do Jardim Guarani, com início na Avenida 3 do Jardim Guarani e término na Rua Sinésio Melo de Oliveira.

Artigo 2.º — Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Campinas, 5 de abril de 1973

DR. LAURO PERICLES GONÇALVES
PREFEITO MUNICIPAL
DR. JOÃO BAPTISTA MORANO
SECRETARIO DOS NEGOCIOS JURIDICOS
ENG.º JOÃO POZZUTO NETO
SECRETARIO DE OBRAS E SERV. PÚBLICOS

Redigido na Consultoria Jurídica da Secretaria dos Negócios Jurídicos com os elementos constantes do Protocolado sob n.º 14.686/71, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito na data supra.

JOSÉ ROBERTO COPPI CUNHA
CHEFE DO GABINETE

RETIFICAÇÃO

DECRETO N.º 4229, DE 5 DE ABRIL DE 1973.
Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas.

Publica-se novamente o item III do

Artigo 1.º — na rua íntegra por ter saído com incorreções.

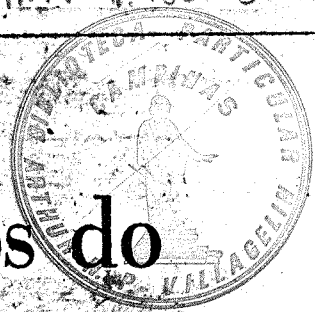
"III — "AVENIDA DOS ESPORTES", a rua formada pela antiga Rua 2 do Jardim Proença e pela Perimetral Interna em parte do Jardim Proença, com início na Rua Proença e término na Avenida Princesa D'Oeste".

Campinas, 6 de abril de 1973.

JOSÉ ROBERTO COPPI CUNHA
Chefe de Gabinete do Prefeito



Conde D'Eu morreu há cinquenta anos



Vinha assistir aos festejos do centenário da Independência

Francês de nascimento e inglês por exílio, o Conde D'Eu (1842-1922) chegou ao Brasil aos 22 anos, atraído pela Princesa Isabel, e aqui fincou raízes. Hoje, 50 anos após sua morte, são lembrados os grandes serviços que prestou ao país, com suas idéias junto à herdeira do trono, a vitória final na Guerra do Paraguai e o empenho pela abolição da escravatura. Embora banido com a proclamação da República e duramente acusado pelos republicanos, o Conde D'Eu manteve seu amor pelo Brasil, que também soube reconhecer seus méritos: em 1920, trouxe os restos mortais de D. Pedro II, mas não pôde comparecer ao Centenário da Independência do País, morrendo no meio da viagem, a bordo do "Massilia" a 28 de agosto de 1922.



Conde D'Eu

Neto de Luís Filipe, Rei da França, Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orleans — Conde D'Eu — só pôde ficar seis anos em Neully, numa linda casa sobre o Sena, onde nasceu a 28 de abril de 1842, na cidade de Eu. Em 1848, seu avô é deposto do trono francês, e toda a família real se refugia em Claremont, na Inglaterra.

Na Espanha, o Conde D'Eu forma-se na Academia Militar de Segóvia e se destaca na luta contra os mouros no Marrocos, onde ganha, por seu talento guerreiro, o posto de capitão e a medalha da Ordem de São Francisco. De volta à Inglaterra, recebe uma proposta de vir ao Brasil conhecer e, talvez, se casar, com uma princesa.

— Ele é alto, forte, bom rapaz, delicado, muito amável, bem instruído e já com um certo renome militar. Foi assim que D. Francisca se referiu ao Conde D'Eu, em sua resposta ao pedido de seu irmão, o Imperador D. Pedro II, que lhe solicitara uma sondagem sobre pretendentes às Princesas Isabel e Leopoldina, suas filhas.

Era 1864. A Princesa Isabel, herdeira do trono, tinha 18 anos e seu pai se preocupava em assegurar a descendência imperial. O Conde D'Eu, com 26 anos, aceitou a proposta, juntamente com seu primo, o Duque de Saxe. Ao chegarem ao Brasil, a 27 de agosto de 1864, impressionaram-se com o ambiente tropical do Rio de Janeiro e viram que seus destinos seriam trocados:

— Meu pai pensava no Conde D'Eu para minha irmã e no Duque de Saxe para mim. Deus e nossos corações decidiram diferentemente — comentou a Princesa Isabel em seus escritos pessoais.

Em um mês foram resolvidas todas as formalidades. O Conde D'Eu e a Princesa Isabel se casaram a 15 de outubro de 1864, com o Rio de Janeiro todo engalanado: Enquanto foguetes estouravam no ar, bandas de música passavam nas ruas e as festas corriam animadas; os noivos seguiram para a lua-de-mel em Petró-

polis. Antes disso, libertaram 10 escravos que serviam à Princesa, antecipando a atuação decisiva que ambos teriam nos acontecimentos históricos que marcaram a abolição da escravatura no País.

Jovial

O casamento atenuou a vida austera da Princesa Isabel, que passou a juventude obedecendo às regras educacionais de seu pai, atarefada com as lições de Latim, Botânica, Mitologia, História Sagrada, Alemão, Matemática e Música. Depois de um mês de lua-de-mel na casa de Joaquim Ribeiro de Avelar, situada numa colina cercada de densa vegetação e espessa neblina — que lembravam ao Conde sua velha Inglaterra —, o casal passou a frequentar teatros, bailes, festas e reuniões. O marido de Isabel comentaria: "Essas pobres princesas nunca foram a um baile ou teatro em suas vidas, e estão loucas para ir".

Sem sair do calor das festas que prosseguiram desde o casamento, o Conde D'Eu e a Princesa Isabel embarcaram para a Europa a 10 de dezembro de 1864, onde visitam na Inglaterra o Duque de Nemours, pai do Conde, os príncipes de Joinville e os recantos mais pitorescos do Castelo onde morava a família real francesa exilada. Isabel fica encantada ao conhecer a Rainha Vitória e escreve a seu pai, na simplicidade de seus 19 anos, o quanto estava agradecida ao Conde por lhe mostrar e lhe ensinar tanto.

Guerreiro

Ao voltar ao Brasil, em junho de 1865, o jovem casal só encontra no país a Princesa Leopoldina e sua mãe: o Duque de Saxe e D. Pedro II estavam no Sul verificando as manobras da Guerra do Paraguai. O Conde D'Eu, que ao se casar recebera a patente de Marechal do Exército, partiu rápido para lá. Confessou a D. Pedro II sua vontade de atuar no campo de batalha, mas não podia ir, pois não era comandante-chefe, posto que não podia ocupar para não ferir as sus-

ceptibilidades dos militares brasileiros, já que era estrangeiro. D. Pedro lhe entregou o comando geral da Artilharia e a presidência da comissão de melhoramentos do Exército, cargos burocráticos, no Rio. O Conde D'Eu não se contentou e escreveu oficialmente ao Imperador, que mais uma vez declinou.

Mas, em janeiro de 1869, o Duque de Caxias, comandante das tropas brasileiras, entrou em Assunção mas se retirou doente, pedindo demissão do comando do Exército. Para substituí-lo à altura, D. Pedro II aponta o Conde D'Eu, exaltando seu patriotismo e espírito de iniciativa. A 14 de abril, aos 27 anos, o jovem Conde chega aos campos de batalha. Vence as batalhas de Peribeubi e Campo Grande.

Com a morte do líder paraguaio Solano Lopes, às margens do Aquidabã, a 1 de março de 1870, o Conde D'Eu derrota os paraguaios e retorna ao Rio, onde é saudado pelo povo num espetáculo que ele mesmo chamou de "soberbo". Os festejos duraram quatro noites seguidas e todas as casas permaneceram iluminadas.

Abolicionista

Antes de partir para a Guerra do Paraguai, o Conde D'Eu esteve em Minas, descobrindo, no interior, as misérias do cativo, bem diferentes do espírito muitas vezes paternalista da capital. Escreve:

— É difícil sonhar com país mais belo. Só há um aspecto negro — e bem negro: é a natureza criminosa do trabalho que serve de base a toda essa opulência. Reformar esse ponto sem transformar em deserto os campos onde brilham os cafeeiros — eis o problema

sobre o qual teria muito a dizer.

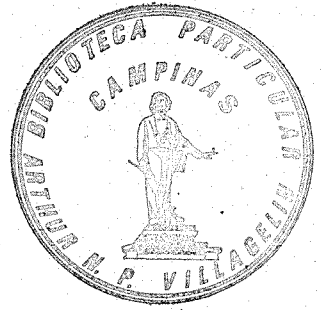
E disse. Poucos historiadores ignoram o quanto o Conde D'Eu aconselhou com insistência à Princesa Isabel em favor da abolição da escravatura. Teve participação decisiva no Terceiro Reinado, já que os problemas de saúde de D. Pedro II deixaram o poder várias vezes nas mãos da Princesa.

Foi por essa participação durante os acontecimentos que culminaram na proclamação da República, que o Conde D'Eu foi muitas vezes intolerantemente julgado. Acusado de dirigir a polícia monarquista contra os republicanos e vistos por eles como um "príncipe estrangeiro" — um dos argumentos para a deposição da família real —, o Conde D'Eu teve sua imagem epenada.

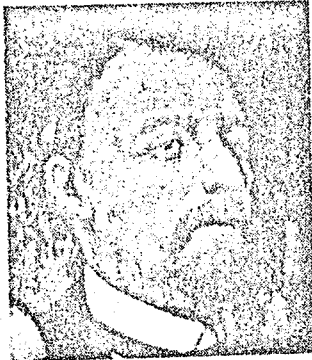
Mas com o correr da história, seu nome foi ficando cada vez mais distante da intolerância que marca os momentos históricos na hora em que são vividos. No restabelecimento da verdade histórica e das exatas medidas de valores que se o julgamento "a posteriori" pode fazer, a dedicação apurada ao estudo de nossas coisas, e amor pelo país e a atenção pelas reformas que necessitavam o cuidado com os erros da instrução, as deficiências da legislação e as fraquezas da moralidade pública — tudo isso pode ser reconhecido.

Quando com a República — saiu do Brasil a 17 de novembro de 1889 — o Conde D'Eu pôde voltar em 1920 ao País — de que tanto sentia saudades — trazendo os restos mortais de D. Pedro II. Na segunda vez, dois anos depois, para assistir ao Centenário da Independência do País, morreu a bordo do Massilia.

PRAÇA CONDE D'EU

D'EU, CONDE

□ *Louis Philippe Ferdinand Gaston d'Orléans nasceu em Neuilly-sur-Seine, França, em 1842, e morreu em Paris, França, em 1922. Nobre francês da casa D'Orléans, foi casado com a princesa Isabel e comandou as tropas brasileiras na Guerra do Paraguai.*



Filho do Duque de Nemours e neto do rei Luís Filipe, da França, veio para o Brasil para casar com a princesa imperial Isabel, em 1864. Exerceu o cargo de Conselheiro de Estado no governo de D. Pedro II. Sucedendo a Caxias, que se tinha exonerado do posto, o conde D'Eu foi nomeado comandante geral das forças brasileiras na Guerra do Paraguai. Chegou em Assunção no dia 13 de abril de 1869 e 3 dias depois assumiu o cargo. Juntamente com Osório, que alcançou a capital paraguaia no começo de junho, reorganizou as tropas e reiniciou as lutas. Vencidas as batalhas de Peribebui e de Campo Grande (12 e 16 de agosto de 1869), os brasileiros avançaram até Caraguataí (19 de agosto) perseguindo Solano Lopes, que

conseguiu escapar. Derrotado o tirano (1º de março de 1870), o conde D'Eu retornou ao Brasil e mais tarde empreendeu viagem de caráter político ao Norte do País. Com o advento da República deixou o Brasil acompanhando a comitiva de D. Pedro II.

anpv/08/1983

(Extraído da página 33 do 16º fascículo do "Dicionário Biográfico Universal Três - DBU" da "Três Livros e Fascículos Ltda., SP. Brasil, 1ª. edição, de julho de 1983)

SEGREDOS E REVELAÇÕES
DA HISTÓRIA DO BRASIL

PEDRO CALMON



O CONDE D'EU, GENERAL-EM-CHEFE

SOMENTE à luz das peças de arquivo, que pouco a pouco surgem a debate, é que se pode recompor o episódio dramático da nomeação do príncipe da casa de Orléans, Gaston, Conde d'Eu, para comandante-em-chefe das forças brasileiras na fase final da Guerra do Paraguai.

A este respeito, a fácil crítica amoedara um conceito frívolo. Que no seu propósito de prestigiar a dinastia, o Imperador valesse da oportunidade que lhe dava a demissão do Marquês de Caxias para dar a glória leve de acabar a campanha ao genro, designado com isso — como outrora se designavam os favoritos — para recolher os lauréis, enquanto outros tinham os sacrifícios e as penas. A história, porém, (de que o saudoso Alberto Rangel fornece parte da verdade, publicando a correspondência familiar do Conde d'Eu na sua biografia integral) — a exata história revela o contrário disto. Em primeiro lugar, observa-se a luta surda travada nas antecâmaras imperiais em torno das aspirações militares do jovem marido da Princesa Isabel. Era natural que quisesse participar da guerra. Casara-se um mês antes do início das hostilidades; e, ao voltar da viagem de núpcias, acompanhou a Uruguaiana o sogro, incorporando-se ao Exército — com as honras de marechal — para assistir à capitulação da coluna invasora. Retornou ao Rio de Janeiro sem ter tido o ensejo de desembainhar a espada, que brandira com galhardia, sob a bandeira de Espanha, na campanha marroquina. O tio, Príncipe de Joinville, escreveu seriamente a D. Pedro II que era humilhante essa inatividade suntuosa — de príncipe consorte desempregado e itinerante — quando o Império enfrentava tão grave conjuntura. Chegou a dizer, com a franca amargura dos ressentimentos domésticos, que lhe tinha ciúmes. Era como se dissesse que o pacato soberano, metendo-se no sossêgo da sua côrte burguesa, temia a fama do herdeiro, disposto a ganhá-la como um cavaleiro antigo, nos prélios encarniçados! Debalde o Conde d'Eu pediu, requereu, representou e queixou-se, magoado pela fria resistência, tanto do monarca como de seus ministros, à sua pretensão de pôr-se em campo, montando num belo cavalo, à testa dos regimentos. Decididamente, não o queriam para herói: e essa negação delicada e sistemática chegou a impeli-lo — num curto desespero — para os braços da oposição liberal. Se o repeliam os conservadores, apegava-se aos democratas, cujos planos de reforma afagavam a tradição revolucionária dos Orléans; enfeitado pela indiferença do govêrno, segurava-se na esperança e na malícia dos seus adversários... Andavam nesse pé as coisas, quando surgiu a hipótese da retirada de Caxias.

O glorioso general-em-chefe, malquistado com o ministério em fevereiro de 1868, pensara em exonerar-se. Ficou, porque o ministério lhe deu cabais satisfações. Completaram-se com a queda do gabinete de Zacarias de Góis, substituído em 16 de julho pelo de Itaboraí, correligionário de Caxias. Já, então, se falava do licenciamento do grande soldado, sem saúde nem idade para suportar os rigores da luta demorada; e quando — a 2 de agosto — o Conde d'Eu informou ao Imperador que pretendia viajar para a Europa, declarou-lhe este, surpreendentemente, que era desarrazoada a idéia, tanto mais que podia ser chamado para suceder a Caxias. Guardou em segredo a promessa. De fato, o que menos desejava o Imperador era o afastamento do chefe do exército. Após as furiosas batalhas de dezembro, a guerra perdeu para

continua na página 74

SEGREDOS E REVELAÇÕES
DA HISTÓRIA DO BRASIL

continuação da página 73



ele o interesse militar: velho, seriamente doente, fatigado de tanta marcha e tanta lide, fraquejaram-lhe as energias; e a conselho médico se retirou para Montevidéu. D. Pedro II não admitia que deixasse o comando sem prévia e expressa permissão. Longe de dá-la, tinha na sua insistência — para que Caxias continuasse até o fim a guerra a López, a crueldade romana de frases assim: "Não lhe dou o direito para adoecer, nem para deixar de ter fé na sua estréla, que brilha cada vez mais". Caxias veio, a despeito destes recados; e porque chegou ao Rio sem ser esperado, o Imperador não foi visitá-lo. Custou um comprido mês o decreto que o brindou com título máximo da nobreza oficial: de Duque de Caxias. Quanto ao substituto, "o único que podia conter aquela gente", isto é — que evitaria que os demais chefes dessem a guerra por finda, e desistissem de perseguir os últimos batalhões de López por suas terras natais, como disse Cotegipe, era o Conde d'Eu.

Sucedeu, porém, o esperado. Gostando de ir para a guerra quando esta oferecia as perspectivas triunfais do movimento e da refrega, agora que mediocrementemente se reduzia a um epílogo sem lustre, quem recusava e resistia era o príncipe. A mesma razão que dera Caxias a Osório, qualificando a perseguição de procura de agulha em palheiro, dava êle: e devolvendo ao sogro, um por um, os argumentos, que tivera para mantê-lo até aí fora dos combates, ou seja, a prevenção com que os generais lá o receberiam, a oportunidade da nomeação, os embaraços diplomáticos que produziria, pois o mandavam comandar também argentinos e uruguaios... O Imperador rejeitou-lhe as considerações. Acorreu, então, a Princesa Isabel com a sua réplica triste e feminina. A carta indignada que enviou ao pai é uma vibração de amor em que o receio de se lhe desfazer o lar se enovela no horror por aquela teimosia, inflexível e tranqüilla. Tem liberdades comoventes. "... Lembro-me, papai, que na cascata da Tijuca há três anos, papai me disse que a paixão é cega. Que sua paixão pelos negócios da guerra não o torne cego!" "Além disso papai quer matar o meu Gaston..." Não houve lágrimas de filha, nem objeções de genro que o demovessem: e disciplinadamente o Conde d'Eu aceitou a incumbência. Investido a 22 de março de 1869 do comando-em-chefe das forças em operações, embarcou para o teatro da guerra oito dias depois, levando consigo um luzido estado-maior de oficiais moços e inteligentes, Tibúrcio, Pinheiro Guimarães, Alfredo d'Eseragnolle Taunay. Partiu, sem entusiasmo. Retornou, vitoriosamente, em abril de 70: e conta André Rebouças, nas suas memórias, acolhido por uma população em festa e uma côrte em sorrisos e graças — com as fanfarras e as pompas que não tivera Caxias!

Rolou o tempo. Girou, veloz, a roda da fortuna. Em 1921 — de retôrno do longo exílio — voltou o Conde d'Eu, velhinho, a estas plagas. Era uma sombra do rapaz loiro e esbelto que em 1864 levara ao altar da catedral metropolitana a princesa imperial. Fêz as visitas de estilo. O ministro da guerra era o ilustre Calógeras. Ordenou que se recebesse o alquebrado veterano com a distinção regulamentar. Quando êle chegou à porta do Ministério, o clarim tocou "a comandante-em-chefe". Foram as últimas vozes marciais que lhe recordaram Peripebue e Campo Grande; tinham a emoção e a beleza das evocações patrióticas; e a cortesia da justiça.

PRAÇA CONDE D'EU

Lei nº 1271 de 12-03-1955

Formada pela praça do centro da cidade conhecida pelo nome de José Milani

Machado

Situada entre as ruas Uruguaiana e Álvares

Centro

Mendonça de Barros.

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Antonio

CONDE D'EU